



# Análise de narrativas de ruptura e reenquadre ao estereótipo de maternidade socialmente estabelecido

## Narratives disruption and reframe analysis of the socially established maternity stereotype

Allane de Souza Pedrotti\*

---

**RESUMO:** Neste artigo, analiso o esforço conjunto para o reenquadre e a manutenção dos estereótipos da maternidade estabelecidos pela instituição social da mãe biológica, quando a ruptura destes padrões surge em um momento interacional. A interação registrada em gravação de áudio de mulheres que compartilham as rotinas de seus filhos em um condomínio na Zona Norte do Rio de Janeiro/RJ compõe o *corpus* desta análise. Esse estudo lança mão do interacionismo como categoria de análise, e, através dos conceitos de Goffman articulados com o estudo de narrativas com base em Labov, percebeu-se como o discurso em um contexto micro faz emergir um conceito social construído, através das práticas de linguagem e nas redes de significado da comunidade discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipo de maternidade. Sociolinguística Interacional. Enquadre.

---

**ABSTRACT:** In this article I analyze the joint effort to reframe and maintain the stereotypes of motherhood established by the social institution of the biological mother, when the rupture of these patterns arises in an interactional moment. The interaction was recorded with women who share their children's routines in an apartment complex in the North Zone of Rio de Janeiro/RJ and composes the *corpus* of this analysis. This study makes use of interactionism as a category of analysis and through the concepts of Goffman articulated with the study of narratives based on Labov, it was noticed how the discourse in a micro context makes emerge a social concept constructed, through the practices of language and In the networks of meaning of the discursive community.

**KEYWORDS:** Motherhood stereotypes. Interactional Sociolinguistics. Frame.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL) do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

## 1. Introdução

As fases de criação de filhos, nos modelos atuais de formação materna, parecem ser marcadas pela constante troca de ideias e emoções entre os atores familiares e entre os que compartilham dos mesmos ciclos de convivências básicas, como escola, condomínios residenciais e demais ambientes. Esta troca inclui negociações entre as mulheres acerca de como é necessário agir, no cenário habitual de perfeccionismo materno, para que a mulher sinta-se pertencendo ao perfil de mãe construído e aceito socialmente. Respostas constantemente positivas a problemas de comportamento infantil, presente paciência a todas as demandas da criança e organização de todas as tarefas, cuja responsabilidade lhe é imputada, são exemplos das exigências sociais de comportamento esperados da mulher.

Ao ancorar-me na visão de Pinheiro (2014, p. 16), tendo em vista que a definição de sexualidade sofreu processos de modificação e hoje é vista sob uma perspectiva mais plástica, a suposta escolha da mulher pela reprodução permitiu sua liberação para vivências além da maternidade. Apesar desta modificação nas alternativas de experiências de feminilidade (PINHEIRO, 2014, p. 17), o imaginário do instinto materno biológico reascende sob discursos de determinados segmentos com poderes formadores da sociedade norteando esta construção.

Neste sentido, elementos que abalem este imaginário provocam desestabilização no comportamento materno institucionalizado como padrão. Os desvios a este comportamento trazem à tona a necessidade constante de retorno à linha de segmento deste estereótipo, o que parece ser experimentado nas interações registradas neste trabalho entre as integrantes, conforme analisarei adiante. Fundamentalmente, o que cabe aqui é a atenção a elementos que desviam das normatizações estabilizadas socialmente acerca da maternidade.

Há a manutenção, através de constantes esforços sociais e engajamento linguístico interacional, dos estereótipos construídos e estabelecidos no entorno da

relação entre a mulher e o suposto destino biológico de ser mãe. Por vezes, nas trocas diárias entre estas mulheres emergem questões subjacentes a este processo, como as narrativas de ruptura deste “contrato social” ao qual são expostas compulsoriamente e que se torna evidente pelos caminhos e escolhas dos repertórios linguísticos<sup>1</sup> ali presentes. Neste sentido, analiso o discurso desta quebra, que emergiu, em forma de narrativa, de uma das participantes e o constante esforço conjunto entre ela e as demais para retomar aos seus papéis de mãe instituídos socialmente.

Dando conta dos esforços sociais empreendidos e do engajamento linguístico interacional que se apresenta, o interacionismo, com o recorte do estudo narrativo, foi utilizado para analisar as questões de trabalho de face e enquadre neste grupo de interação social, trazendo elementos de Goffman (1967 [2011]; 1986) e Gumperz (1964) e a estrutura organizacional da narrativa de Labov (1972) para dar suporte às discussões levantadas.

## **2. Pressupostos teóricos**

### **2.1 A construção materna na história**

Considerando o viés da análise da pesquisa realizada por Badinter (1980, p. 1) acerca do mito do amor materno, o sentimento maternal é como qualquer outro, cercado de incertezas, fragilidades e imperfeições, o que contraria a crença que se generalizou de que a maternidade está inscrita em um gene biológico ou “profundamente inscrito na natureza feminina”. Desta forma, como qualquer outro sentimento, se adquire com a convivência e construção identitária de forma conjunta, que coloca, então, os indivíduos em seus papéis de filho e mãe, de modo não tão determinista como a impulsão social nos apresenta.

---

<sup>1</sup> Repertório Linguístico da Comunidade – Termo utilizado por Gumperz (1964), como “a totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mão nas interações sociais relevantes” (RIBEIRO, 2013).

A relação de sentimento entre mãe e filho flutua conforme as variações socioeconômicas da história, sendo um produto da evolução social desde o século XVIII. Badinter (1980, p. 1) relata a entrega dos filhos e filhas a amas, por volta dos anos de 1700, durante os primeiros anos de vida, e o conseqüente afastamento dos genitores até que as crianças retornassem aos seios familiares após o período de amamentação. Não obstante ao período de deserção, após seu retorno às famílias, as crianças eram também entregues a governantas para dar prosseguimento à criação, e não mantinham relação íntima ou afetiva com seus pais (Badinter, 1980).

O que hoje denominamos de amor materno incondicional não existia ao final do século XVIII, o que sustenta a ideia do não desejo a esta instituição latente. Badinter (1980) levanta a questão do alto índice de mortalidade infantil na época, em virtude da isenção materna sobre as questões de “ordem natural”, que significavam os imprevistos da natureza que levavam as crianças, por seleção natural, à morte. Não havia, portanto, interferência da mãe para a resistência destes imprevistos, como modo de proteção ou luta contra eles (BADINTER, 1980, p. 136), sendo a morte infantil considerada algo banal, configurando, à época, um índice de 25%.

Cabe ressaltar que, mesmo com a existência de uma forma de convivência entre pai e mãe nestes comportamentos descritos, o questionamento em relação às atitudes da mãe não existia sobre a atitude masculina da não resistência do amor paterno a supostas leis da natureza. Pinheiro (2014, p. 20) defende esta ideia, contextualizando que tem havido a “consolidação, na cena atual, de concepções macrossociais de (boa) maternidade as quais prescrevem uma pluralidade de capacidades às quais se associam obrigações maternas e responsabilização cada vez maiores” pela figura da mãe. E esta convocatória “natural” do papel da mãe na vida de seus filhos surge a partir do final do século XVIII, quando aparece a argumentação acerca do trabalho instintivo que a mulher deveria possuir de modo natural e espontâneo (PINHEIRO, 2014, p. 144), tornando-o parte de sua identidade como mulher.

Sobre a relação de construção identitária e os processos históricos, Fabrício e Bastos (2009, p. 41) versam que “remetidas a estes domínios públicos e coletivos, as identidades ganham em mobilidade e agentividade, tendo sua trajetória limitada ou expandida por jogos de poder vigentes em cada época, constituidores de assimetrias e hierarquias sociais de toda sorte”.

Inicia-se o engessamento em sociedade da ideia de que o amor materno é algo biológico natural e não construído, emergindo a ideia do amor instintivo e espontâneo pelo seu filho, o que permanecerá até os dias atuais. Com fundamento em uma abordagem genealógica (FOUCAULT, 1996), inclino-me à ideia de que a imersão nas práticas discursivas determinadas por estes elementos biossociais cria princípios que deles surgem e permanecem vivos, exercendo influência de construção identitária para as mulheres. Ou seja, os discursos engendrados na sociedade, além de possuírem seus procedimentos de organização internos, a constroem em uma perspectiva que entendo como formativa de identidades sociais individuais e coletivas.

Concordando com a base genealógica do discurso, Pinheiro (2014, p. 29) diz que “(...) a historicização de concepções macrossociais contemporâneas de boa maternidade pode apontar as expectativas e imposições sociais relativas à vivência das maternidades da cena atual como resultado da reiteração gradativa de práticas e discursos que foram, com o passar do tempo, ganhando status de naturalidade e universalidade”. Embora a vinculação do amor materno ao domínio do biológico e do instintivo permaneça até os dias atuais, isso não configura um processo linear, tendo em vista já ter sofrido abalos em outras épocas.

Há a modificação ao longo do tempo, inclusive social e governamental, acerca dos índices de mortalidade infantil, trabalhando-se, então, para a sua diminuição. Em um modelo de construção de mentalidade agora voltado à proposição de amor incondicional que a mulher deve possuir com sua cria, coloca-se o amor materno de

forma intrínseca no corpo daquela que possui a habilidade de parir. Surge, com isso, uma “exacerbação e complexificação das demandas sobre o exercício da maternidade” (PINHEIRO, 2014, p. 27), que ultrapassa a dedicação extrema e o dito amor incondicional materno.

A exaltação da unificação das palavras “amor” e “materno” passa a vigorar nas sociedades, formando padrões de comportamentos os quais as mulheres se veem obrigadas a cumprir. A associação obrigatória destas duas palavras não deixa possibilidades de que esta relação seja, então, diferente do que o significado delas passa a ter juntas. É a definição de cumprimento espontâneo de algo do qual não há fuga e cujo comportamento não poderá ser visto como compulsório, pois é natural ou biológico e nele mergulham seus significados inerentes à natureza feminina. Ao mesmo tempo, conseqüentemente, surge a ideia da felicidade intrínseca pelo desempenho do papel materno ao cuidar incondicionalmente de sua cria, apesar de, paradoxalmente, ser algo compulsório através das forças da natureza.

Quando Pinheiro (2014, p. 20) atenta para o fato de que a maternidade, na contemporaneidade, vem se constituindo “em articulação profunda com a racionalidade econômica neoliberal e a globalização” aponta, então, para a relação desta construção com a decisão consciente da maternidade como projeto racional de vida da mulher nos dias atuais. Inclino-me a responsabilizar esta definição de maternidade consciente pela consolidação de um modelo de boa mãe em sociedade, junto às supracitadas formações discursivas de Foucault. A articulação dos “discursos demográficos, econômicos, médicos, jurídicos, filosóficos, morais e religiosos” estimularam o estereótipo de mãe, metodologizando as ações maternas e formando, assim, o protótipo social de boa-mãe na definição de instituição social da mãe biológica (PINHEIRO, 2014, p. 30).

Compreendo que, uma vez que a maternidade é, para as mulheres, fruto de escolha consciente, projeto de vida e também característica de sua natureza biológica,

quaisquer consequências negativas acabam sendo rechaçadas por serem negativas. Dessa forma, enraíza-se ainda mais o conceito de que sua escolha racional é fruto de um processo natural, e isso não permite nenhum tipo de ruptura com esse sistema. Pinheiro (2014, p. 28), completa esta ideia afirmando que “em conformidade com a perspectiva de projeto, a atuação da mãe é tida como causa primeira e quase unívoca do desenvolvimento físico, psicossocial e cognitivo da criança”.

## 2.2 Interacionismo como categoria de análise

Tendo em vista o material de pesquisa proveniente da conversa gravada no grupo de mães já descrito e o desenvolvimento histórico-social levantado e articulado anteriormente, utilizei a abordagem micro da sociolinguística interacional para as análises que faço neste estudo. De um modo mais concreto, volto o olhar sobre a situação da interação como objeto de observação, associado às narrativas que emergem desta interação social. Para tal, lanço mão dos conceitos de Goffman (2013), para entender como os significados se constroem nesta interação, e de Labov (1972, p. 363), para dar corpo teórico às interpretações narrativas que surgiram.

Cabe ressaltar que aqui não busco a avaliação da veracidade do que é narrado pelas mulheres, mas de que modo os depoimentos oferecem dados, o que possibilita traçar a diferença entre a atividade de narrar e o objeto do narrado. Em uma dimensão além da localidade, atento ao modo como elas utilizam o discurso no espaço de interação oferecido e utilizado. A sociolinguística interacional traz a possibilidade deste estudo micro em uma relação de atualização com o macro, através das correspondências das reações em determinadas situações convencionais, que estão sempre sujeitas aos rearranjos que ocorrem nestas situações sociais. Completando esta ideia, Fabrício e Bastos (2009, p. 40) observam que

(...) o estudo de nossas ações linguísticas em contextos sociais específicos pode sempre criar inteligibilidade sobre processos macro-

sociais, pois ao focalizarmos usos da linguagem particulares estamos também nos debruçando, de forma explícita ou não, sobre a sociedade na qual eles ocorrem. Nesse sentido, a análise de nossas práticas discursivas nos dá acesso aos significados que norteiam as práticas sociais envolvidas nas múltiplas formas de construção da realidade, de si e de outros. (FABRÍCIO; BASTOS, 2009, p. 40)

As categorias de análises são, então, interacionais, considerando aspectos micro, como os silêncios, as interrupções e os reparos da fala do outro, indicando, assim, as relações de poder ali imbricadas. Do mesmo modo, a sociolinguística interacional abre a possibilidade de entendimento da forma como os significados foram construídos nas interações a partir de como os participantes entendem o que ocorre em determinada situação. Assim, chega-se à verificação do modo como o discurso faz emergir um conceito social construído de forma conjunta, através das práticas de linguagem e nas redes de significado de determinada comunidade discursiva.

Apesar da seleção das palavras no discurso fazer parte do contexto de entendimento de situação na interação, através da perspectiva êmica, o interacionismo não se debruça sobre a escolha lexicogramatical em si. Segundo Goffman (2013, p. 20), os processos da interação face a face "não parecem ser de natureza intrinsecamente linguística, mesmo que frequentemente expressos por um meio linguístico". Durante a interação, através do entendimento coletivo das pistas de contextualização, conceituadas por Gumperz (2013, p. 152), é possível entender a participação dos sujeitos na interação. Neste sentido, se dá a importância da opção neste estudo pelo método de análise interacional, dentro de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, para que, de posse não só do entendimento contextual, mas de participação no grupo de mães através de observação participante como instrumento metodológico, eu pudesse realizar as análises.

As falas ocorrem dentro de determinado arranjo social e, no caso deste estudo, o coletivo de mulheres que vivem a educação de seus filhos e entre seus filhos, foi reproduzido na interação proposta e gravada no encontro social proposto. Goffman

(2013, p. 19) traz a ideia de que "muitas das propriedades da fala terão de ser vistas como alternativas a atos extralinguísticos, ou equivalentes funcionais deles". Do mesmo modo, cabe ressaltar a importância da atenção ao enquadre, diante das entradas e saídas dos assuntos, marcados pelas mudanças de entonações, ritmo e timbre de falas, que alteram a "capacidade social na qual os envolvidos pretendem atuar" (GOFFMAN, 2013, p. 110). Em um trabalho conjunto, todos os atores da interação esforçam-se para manter os enquadres de forma que novos assuntos cerquem este empenho que, de modo constante, ocorre antes e depois de cada episódio. É, então, um processo contínuo que percorre, inclusive, mudanças de posicionamentos e de papéis aparentemente fixos.

Na gravação realizada na situação social proposta, não há imagens e a transcrição das falas é marcada pela convenção descrita ao final deste artigo. A interação durou cerca de quarenta minutos, em um ambiente silencioso do condomínio, onde havia apenas as participantes, sem seus filhos.

### 3. Metodologia e contextualização

Esta pesquisa foi composta por atores que compartilham não só o mesmo espaço habitacional como também experiências entre seus filhos, de diversas idades, que convivem nos espaços de interação e diversão para crianças em um condomínio residencial de classe média na Zona Norte do Rio de Janeiro. A geração de dados foi realizada com cinco mães, através de observação participante como instrumento metodológico (DENZIN; LINCOLN, 2006), para discussão sobre o tema "birra".

Estas mulheres fazem parte de um condomínio residencial e se conheciam previamente, e já haviam, em outros momentos, trocado ideias acerca de criação dos filhos e todas as questões que envolvem as demandas físicas e emocionais que permeiam a educação familiar. É importante atentar para o que Goffman chama de situação social, não como situação direta de interação sobre a perspectiva da simples

presença entre pessoas, mas como a "interseção geométrica de atores que produzem fala e atores que carregam certos atributos sociais" (GOFFMAN, 2013, p. 16). Dessa forma, aqui são levados em conta tais atributos e seus valores associados.

Observo que existe ampla diversidade de temas julgados não só como problemas, mas como angústias vividas. O assunto sobre "birra", escolhido por mim para lançar mão dessa discussão provocada, era um dos mais inquietantes nos momentos de trocas de experiências, em especial por ser algo latente que ocorre rotineiramente nos próprios momentos de convivência, em meio a outros assuntos conversados. Percebo que é bastante comum as mulheres serem interrompidas por acessos de descontrole de comportamento ou emocional das crianças, ou de brigas entre elas, o que faz emergir a busca por supostas soluções para tal comportamento, desviando os tópicos não-maternos para o que se torna, então, emergente no contexto.

Pinheiro (2014, pp. 22-23) considera o arcabouço teórico-analítico de Goffman para entender os acontecimentos macrossociais que se co-sustentam com os elementos interacionais. Assim, considerando as possibilidades de estudo de interação micro que organizam as experiências individuais, Goffman tem significativa importância na experiência de estruturar os "sentidos que cerceiam as vivências das sociabilidades de maternidade e de não maternidade e de construir um entendimento sobre a sua repercussão na constituição da vida social".

Sendo assim, iniciamos a interação gravada com a apresentação do tema como base para a discussão. Não foi necessário, durante o tempo de pouco mais de quarenta minutos de interação, realizar retomadas de turno para que o assunto voltasse à roda de conversa, pois todas as narrativas e trocas de experiências giraram em torno do tema e não fugiram do intuito inicial de que a conversa seguisse em torno do dito "mau comportamento" das crianças. Tal facilidade de prosseguimento aparentemente fluido da discussão se deu pelo fato de todas as participantes estarem

empenhadas no processo de interação proposto, estando, assim, familiarizadas com o que ali fora abordado.

Dentre todas as narrativas produzidas, trabalhei, especificamente, com uma desenvolvida por uma das mulheres participantes, através da qual busco elementos latentes de ruptura dos padrões maternos socialmente instituídos, trazendo à tona a nuance da maternidade compulsória. Através dessa narrativa, analiso a resistência aos estereótipos da maternidade estabelecidos pelo que chamarei aqui de instituição social da mãe biológica, pela observação do constante trabalho conjunto de retorno ao enquadre à situação social estabelecida para o papel de mãe.

Sob a perspectiva interacional, é importante ressaltar a escolha da análise de uma narrativa do *corpus* gerado pela gravação entre as mães, tendo em vista a ideia de que para além de uma estrutura regimentada que localiza o discurso enquanto um fato narrado, a história que ali se conta tem relevância ao ser escolhida por quem a profere para determinado contexto e momento (SELL; OSTERMANN, 2015, p. 315). Sell e Ostermann (2015, p. 315) detalham esta ideia ao versarem que mesmo que o evento escolhido para ser narrado “não seja “extraordinário” e mesmo que careça de uma “ação complicadora”, no sentido laboviano, a seleção de um fato para narrar nunca é aleatória e normalmente tem implicações de ordem moral”. Do mesmo modo, Fabrício e Bastos (2009, p. 45) afirmam que a narrativa

constitui uma prática discursivo-identitária que não pode ser estudada desligada de aspectos contextuais e locais, nem em separado das relações sociais, pois sua coerência não se encontra só no texto, mas depende do *background* e das expectativas de todos os participantes (narrador e interlocutores), que, em conjunto, negociam e interpretam mutuamente os significados propostos.

E é neste sentido que trabalho aqui com narrativa, considerando que os relatos de experiências que emergiram do encontro das mães constituem em recriações das experiências vividas, de modo que haja, então, uma espécie de coconstrução de

identidades naquele grupo. Nesta construção conjunta, encontro ratificação de premissas relacionadas à maternidade que surgem repetidamente das participantes que se preocupam em garantir seu local no enquadre da instituição social da mãe biológica. Goffman (1986, p. 10-11) define o enquadre como nosso envolvimento individual e subjetivo nos acontecimentos sociais, permitindo, através de uma perspectiva êmica, a definição da situação por nós mesmos para posterior posicionamento nela.

### 3.1 Convenção de transcrição

Tabela 1– Convenção de Transcrição.

[texto]	Falhas sobrepostas
=	Fala colada
(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
,	Entonação Contínua
.	Entonação Ponto Final
?	Entonação de Pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXTO	Fala com volume mais alto
<u>texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@@@	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação Ascendente
Hhh	Expiração audível
.hhh	Inspiração audível

Fonte: Schnack, Pisoni e Ostermann (2005).

#### 4. Discussão de dados

Das narrativas interacionais que foram registradas em gravação e que compõem o *corpus* do presente estudo<sup>2</sup>, emergiu uma narrativa específica de uma das mulheres participantes, a qual analiso aqui como uma emergente ruptura aos estereótipos acerca da concepção de maternidade concebida ao longo dos séculos. Como características recorrentes, que desenvolverei detalhadamente abaixo, encontra-se um padrão de discurso em voz visivelmente abaixo do tom das demais mães e menos tentativas de tomada de turno, ao longo de toda a gravação. Cabe acrescentar a informação de que a mãe em questão se posicionou, de forma espontânea, sentada em um sofá que ficava abaixo do nível das demais mães que se posicionaram sentadas em bancos sem encosto cuja altura é perceptivelmente maior.

O excerto analisado a seguir (Excerto 1) é uma narrativa emergida de sua primeira tomada de turno, após pouco mais de seis minutos de conversa entre as mães participantes. Elas estão falando sobre os métodos disciplinares que utilizam quando seus filhos fazem “birra” e fazem a avaliação de que o controle emocional dos pais é importante neste momento, de modo que conscientizá-los de que estão chateando a mãe pode funcionar. Viviane toma o turno para descrever a sua instabilidade emocional diante das dificuldades de sua vida em determinado momento de sua carreira profissional, justificando o comportamento da filha devido a isso. Neste momento da interação, Viviane mitiga a agentividade, revelando uma posição e projeção do *self* para suas interlocutoras.

---

<sup>2</sup> Os nomes apresentados nos excertos foram trocados, a fim de garantir o anonimato das mulheres participantes da interação.

**Excerto 1.**

- 1 Viviane ()[tá meio desesperado] gritava na altura dela  
 2 ela batia de frente [direto] a partir do [momento]  
 3 Mariana [exatamente]  
 4 Rubia [ah você chegou num  
 5 ponto que eu ia falar, eu acho muito que]  
 6 Viviane [a partir do momento que eu fiquei na minha(.) saio de  
 7 [pe:rto] foi bom.  
 8 Rubia [aham] que a gente não mistu:ra não deixa (.)  
 9 não deixa [interferir]  
 10 Viviane [nossa] eu gritava à altura dela porque eu também  
 11 tava precisando de: de  
 12 acompanhamento que eu ta fui até a psicólogo↓ nessa época↓ eu  
 13 gritava [gritava].  
 14 Rubia [mas gente eu acho] que a gente também tem que se  
 15 perdoar↑ também  
 16 >porque não dá pra gente ser 100% o tempo [to:do] controlada ()  
 17 Mariana [é exatamente]  
 18 Viviane mas então eu eu tava num estresse profundo porque: >eu  
 pegava<  
 19 trânsito pra ir pra Niterói (.) eu não conseguia chegar a  
 tempo  
 20 de pegar ela na creche eu saía muito cedo então (1.0) eu tava  
 21 muito °estressada° chegava a ficar com o braço todo  
 °dormente°  
 22 assim↓ ó eu >tava vendo que eu ia ter um piripaque< (1.0)  
 23 só que aí depois eu me tratei fiz análise (1.5) melhore:i  
 24 e comecei a tratar (.) ela melhor. e assim (.) ↓depois da minha  
 25 separação também eu tive (1.0) mais controle da situação.  
 26 que como ele passava muito a mão na cabe:ça (.) >ela não  
 27 me respeitava °na frente dele°<

Viviane consegue tomar o turno na linha 1, mantendo a sua fala de modo transcorrido e sem interrompê-la para que todas percebam que naquele momento ela desejava o turno para ela, o que é percebido pelas falas transpostas marcadas nas linhas 3, 4 e 5. Rubia tenta tomar o turno nas linhas 4 e 5, mas logo o cede para

Viviane e em seguida, na linha 8, ela confirma a permissão do turno, ratificando seu enquadre enquanto ouvinte, neste momento da interação.

A narrativa de Viviane foi identificada pela estrutura Laboviana, considerando nas linhas de 1 a 13 uma pequena narrativa que constitui um resumo do que irá narrar à diante. Nas linhas 18 e 19 Viviane realiza a orientação (*eu tava num estre:sse profundo porque:: >eu pegava< trânsito para ir pra Niterói*) e, ao final da linha 19 até a linha 22, ela desenvolve a ação complicadora ao relatar que ela não conseguia chegar a tempo de buscar sua filha na creche até o momento em que ela teria um *piripaque*. Ao assumir que fez análise e iniciou tratamento psicológico, na linha 23, Viviane nos mostra a resolução e avalia, em seguida, ao final da linha 23 e seguindo a linha 24, quando diz que começou, então, a tratar melhor sua filha. Considerarei aqui o restante da narrativa, da linha 24 à linha 27 como uma coda, tendo em vista que remete a uma situação temporal ulterior à narrada, em espaço de tempo que indica sequência de ações distanciadas, não remetendo ao presente, porém, ao tempo futuro a sua narrativa. Ainda acerca da análise da narrativa contada, sua história remete a um episódio específico ocorrido no passado e possui uma sequência temporal dentro do ponto que desejou contar.

É interessante perceber que Viviane parece justificar o comportamento fora dos padrões de sua filha como culpa do problema que estava passando pelo exercício de seu trabalho e pelo seu descontrole emocional, enquanto as demais mães anteriormente atribuíam o comportamento de "birra" a um processo natural da idade biológica da criança, associada à determinada faixa etária. Diante das análises que realizei na abordagem histórico-social deste artigo, acerca da maternidade romantizada socialmente construída e que vigora em tempos atuais, Viviane parece estabelecer um alinhamento à culpabilização, atribuindo uma relação de causa e consequência ao comportamento "desviante" de sua filha e, de modo

correspondente, assumindo sua desestabilização emocional pelo que o comportamento de sua filha trouxe a ela.

Nas linhas 14, 15 e 16, Rubia tenta retomar a situação narrada ao tópico inicial (>porque não dá pra gente ser 100% o tempo [to:do] controlada ()), deixando claro que por alguns momentos é possível que a mãe saia do papel de perfeição instituído e, ao mesmo tempo e de modo colaborativo, tente reconstruir a identidade materna de Viviane ao conceder a permissão social do grupo de "se perdoar" por ter saído do comportamento dito normal. Tal fala é ratificada na linha 17 por Mariana. Naquele momento, há determinado esforço de reenquadre das participantes para que os papéis maternos sejam reconstruídos como normalmente aceitos, após a visível quebra dos padrões normativos ali presentes.

Do mesmo modo, Viviane também entende sua descrição de descontrole emocional como uma quebra do padrão de comportamento esperado que uma mãe deva ter, ao em sua resolução e em sua avaliação descrever que, após a busca pelo tratamento psicológico, passou a reencaixar-se em seu papel materno. A baixa entonação de voz ao contar que gritava, na linha 13 (°gritava° °gritava°.), e que procurou auxílio psicológico, na linha 12 (fui até a °psicólogo↓° nessa época↓), demonstram sua reticência em narrar o "desvio" em que se encontrou em sua vivência de maternidade, como uma espécie de vergonha velada.

Nas linhas 23 e 24, ela constrói a relação direta entre o seu reestabelecimento psicológico com o progresso da relação com sua filha e a consequente melhora comportamental que somente, naquele momento, era abalada pelo problema do pai ser conivente com os comportamentos da filha e não mais por seu desvio de conduta materna. Lembrando que tal desvio é visto aqui como fora dos padrões estabelecidos socialmente para o comportamento de incondicional controle de emoções por parte da mulher/mãe, e que a própria Viviane tenta lançar mão de soluções que teçam sua

melhor face para aquele momento social, deixando claro que ela retornou, após seu problema, à dita normalidade estabelecida.

No excerto a seguir (Excerto 2) Viviane novamente traz o seu insucesso em utilizar os padrões que as mães na conversa relatam como melhores formas de disciplinamento de seus filhos.

### Excerto 2.

28 Viviane	casti:go (1.0) castigo >eu nunca consegui colocar ela< de
29	castigo(.) uma vez ela falou assim pra mim (.) “mãe compra um
30	tapetinho daquele igual da supernanny °quem sabe°” ()hhh
31 Mariana	falou?
32 Gabriele	@@@@@@
33 Rubia	TIROU O:NDA HEIM
34 Viviane	era pequenininha
35 Rubia	adu:lta né [adulta]
36 Gabriele	[essa foi ↑ótima] @@@@@@
37 Viviane	[fiquei arrasa:da.] hhh

Mais uma vez Viviane muda o enquadre ao destacar seu insucesso com a aplicação do método de castigo, em especial por assumir ao grupo que a filha percebeu, de modo explícito, a sua fraqueza enquanto instituição materna de controle de comportamentos de seus filhos. Na linha 30 (°quem sabe°), ao baixar o tom ao proferir a fala indireta da avaliação que sua filha fez da situação, à época, também fica marcado o constrangimento de narrar ao grupo de mães que a própria filha sabia como utilizar os métodos educativos famosos entre a plenitude dos comportamentos maternos e ela não.

Do mesmo modo, conforme todo o padrão encontrado na conversa, as demais participantes tentam zelar pela retomada do enquadre da situação, transpondo rapidamente a fala de Viviane com risadas e falas de modo a desconstrair aquele relato que teve forma de revelação. Do mesmo modo, Viviane tenta proteger sua

face, na linha 37, ao afirmar que ficou arrasada (*fiquei arrasada*), como se esta avaliação que realizou em forma de confissão de sentimento, a colocasse em um lugar passível de comoção diante de sua situação de descontrole.

Ainda sobre a situação do castigo, no excerto a seguir (Excerto 3), as mulheres falam sobre o método disciplinar e a prática de colocar as crianças de castigo, e uma delas pergunta se as demais concordam com a questão do castigo.

### Excerto 3.

38 Gabriele	vocês são a favor↑ ou contra o castigo↓?
39 Rubia	se eu sou a favor ou[contra]↑? eu sou a favor↑
40 Gabriela	[é]
41 Rubia	>claro que sou a favor cansei de ficar de castigo<
42	e acho que muita coisa na minha vida funcionou ↑porque eu
43	fiquei de [castigo]↑
44 Viviane	<[eu] nunca> fiquei de castigo, eu apanhava↓ (3.0) e eu
45	preferia apanhar do que ficar de castigo↓.

Viviane responde que nunca ficou de castigo, porém, apanhava fisicamente de sua mãe<sup>3</sup> quando pequena, remetendo a uma situação de sua infância. Este retorno ao passado traz a ideia de que possui um modelo de relação materna que, de alguma forma, influencia em sua relação hoje enquanto mãe. A longa pausa marcada na linha 44, mostra seu momento de reflexão acerca do que acaba de reviver, e a seguida avaliação que realiza na linha 45, quando expõe o resultado desta reflexão, que parece isentar sua mãe do ato da agressão física sofrida enquanto criança (*eu preferia apanhar do que ficar de castigo*↓).

Seguindo ao Excerto 4, Rubia é solidária ao relatar os “erros” a que as mulheres/mães estão sujeitas.

<sup>3</sup> Viviane, em outro momento na gravação, relata especificamente que a mãe a agredia fisicamente.

**Excerto 4.**

46 Rubia	é <u>isso</u> = <u>disso</u> que eu tô falando agora ↑birra, eu acho que vai
47	passar, isso vai passa:r uns saem mais rebeldes que os <u>o</u> :utros
48 Outras	()
49 Rubia	é lógico que <u>todos</u> , independente dos mais ou menos rebeldes↓
50	todos precisam de limites↑ (.) inclusive a gente (1.0) adulto (.)
51	né (.) e=e eu acho que faz parte (.) agora (.) o que eu <u>acho</u>
52	eu a gente precisa: ficar atento↑ é >que a gente não é perfeito↑<
53	que a gente vai erra:r que a gente em algum momento vai dar
54	uns ta::pas que a gente >em algum momento vai berrar junto<
55	>que a gente vai perder o contro:le< que em algum momento
56	a gente vai querer zunir no: <u>sofá</u> como eu já fiz
57	>uma vez peguei=zuni=báá< depois eu ↑ai (.) <u>né?</u> ai entra
58	aquele desespere tipo (.) "o que você fez comigo↑"

O padrão de comportamento que se repete em toda a conversa fica explícito ao deixar sempre claro para elas que qualquer ação que não seja positivamente afetiva na relação entre mãe e filho torna-se desvio. Rubia, quando busca o reenquadre para este padrão, nas linhas 46 e 47, remete ao fator biológico/cronológico ao qual a criança é compulsoriamente condicionada. Das linhas 49 a 58 novamente traz à luz características comportamentais que não se encaixam no modelo materno esperado e novamente as trata como fugas não permitidas pelas convenções sociais, em especial nas linhas 53 e 54 ao delimitar que “em algum momento” haverá a “perda de controle”, ou seja, desvio. Acrescenta, ainda, o tom de solidariedade ao permitir “perdão”, ao escolher a pessoalização do sujeito nas linhas 52 e 53 (eu a gente precisa: ficar atento↑ é >que a gente não é perfeito↑< que a gente vai erra:r).

Neste sentido, Fabrício e Bastos (2009, p. 47) analisam a legitimação, ou não, das "identidades através da autoridade institucional, ou seja, da imposição através de estruturas de poder e da ideologia institucionalizada" nos momentos de interação. A tentativa de reenquadramento de Rubia emerge ao listar diversas ações que não

podem ser assumidas pelas mulheres como algo constante, mas como algo que "em algum momento" pode ocorrer, porém, quando ocorre, constitui-se como um desvio a esta institucionalização do comportamento materno, que enxergo aqui como ideologia formada e enraizada em nossa sociedade.

Em mais um relato que retoma o tratamento maternal que recebeu, no Excerto 5 abaixo transcrito, Viviane justifica a irritação de sua mãe ao chegar em casa, na linha 59, pelo fato de ela ser professora. Mais uma vez, o descontrole emocional de uma mulher/mãe não pode ser visto como qualquer outro descontrole comportamental, tendo sempre que ser justificado por sair do estereótipo materno determinado.

#### Excerto 5.

59 Viviane MINHA MÃE era professora↑ então ela chegava  
irritadíssima↓  
60 °em casa° °não tinha um pingo de paciência com a gente↓°  
61 o que ela tivesse na mã:o ela tacava (1.0) °tacava na gente°

E, por fim, antes do Excerto 6 transcrito abaixo, as mulheres relatam as práticas de suas respectivas mães, e Mariana conta como a mãe de seu marido fazia com ele, o agredindo fisicamente quando em momentos de desobediência. Em seguida, conforme abaixo exposto, as participantes da conversa reagem quando lembram seus próprios casos.

#### Excerto 6.

62 Viviane () minha mãe era assim↓ e hoje eu falo com ela↑ (.)  
63 ela [não lembra]  
64 Mariana [não lembra]  
65 Viviane diz 'eu não ↑era tão assim' falei era mãe ()  
66 Mariana mas isso eu queria aprender com a minha [mãe].  
67 Viviane [é porque ela dava  
68 aula de manhã↑ e à tarde↓

Nas linhas 67 e 68, repete-se a justificativa das ações desviantes de sua mãe ao explicar às demais participantes que ela agia daquela forma porque trabalhava dando aulas o dia inteiro, o que a deixava cansada. Mais uma vez, aparece a busca de explicações que justifiquem um comportamento não carinhoso de uma mãe na tentativa de justificar algo diferente do “normal”.

## 5. Considerações finais

Do mesmo modo que as narrativas de Viviane apontam para o explícito sentimento de ruptura ao comportamento maternal estabelecido, parece ser difícil, tanto para a própria como para as demais mulheres participantes, assumir que as reações sentimentais inerentes a qualquer tipo de relação também são ocorrentes nas relações maternas. No padrão das narrativas escolhidas por Viviane para recontar suas histórias e reconstruir sua identidade enquanto mãe, foram analisadas as repetidas tentativas de reenquadre da identidade de mãe conforme o esperado socialmente e por parte dela e das outras participantes na interação.

As narrativas de Viviane trazem a chance de expor o que sente por não se encaixar em um processo estabelecido socialmente, e a dicotomia que encontrei nas análises com as tentativas de justificar os comportamentos como desviantes dão conta da função que suas narrativas tiveram de revisão e reconstrução de identidade enfrentadas nesta conversa por Viviane. O entendimento de que nem sempre ela será a “boa mãe” determinada pela institucionalização dos discursos em seu entorno demonstra o rompimento com a generalização acerca do comportamento materno perfeito e incondicional, mesmo aceitando o trabalho conjunto de retorno ao enquadre de estabilização do comportamento materno. Do mesmo modo, entendo a hesitação de narrar suas histórias como uma resistência aos estereótipos da maternidade, mesmo que misturada com a preocupação de reenquadre perante às demais participantes do grupo.

Por fim, o presente artigo abre o caminho para avaliações futuras acerca não só da construção identitária materna em nossa atual sociedade, como também permite um aprofundamento político-social em questões relacionadas à manutenção destes estereótipos maternos, que fazem com que mulheres mães permaneçam com o esforço conjunto de enquadre. Tais aprofundamentos poderão ocorrer no trajeto da análise da relação entre ideologias construídas e estabelecidas socialmente ao longo da história.

### Referências Bibliográficas

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FABRICIO, B. F.; BASTOS, L. C. Identidade de grupo: a memória como garantia do nós face ao outro. In: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (Orgs.). **Discursos sócio-culturais em interação**: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 39-66.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**. 2a. ed., São Paulo: Loyola, 2013.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**. 2a. ed., São Paulo: Loyola, 2013.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986

GOFFMAN, E. [1967]. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUMPERZ, J.. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**. 2a. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city**. University of Pennsylvania Press, 1972.

PINHEIRO, L.G. **(Re)Construindo Performances Discursivas de Maternidade e Não Maternidade Em Espaços Virtuais**. 229p. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2014.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SELL, M.; OSTERMANN, A. C. A construção da significação da experiência do abuso sexual infantil através da narrativa: uma perspectiva interacional. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 307-332, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-445088814836814166>

SCHNACK, C.; PISONI, T.; OSTERMANN, A.. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. **Entrelinhas**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, 2005.

Artigo recebido em: 11.04.2017

Artigo aprovado em: 12.06.2017